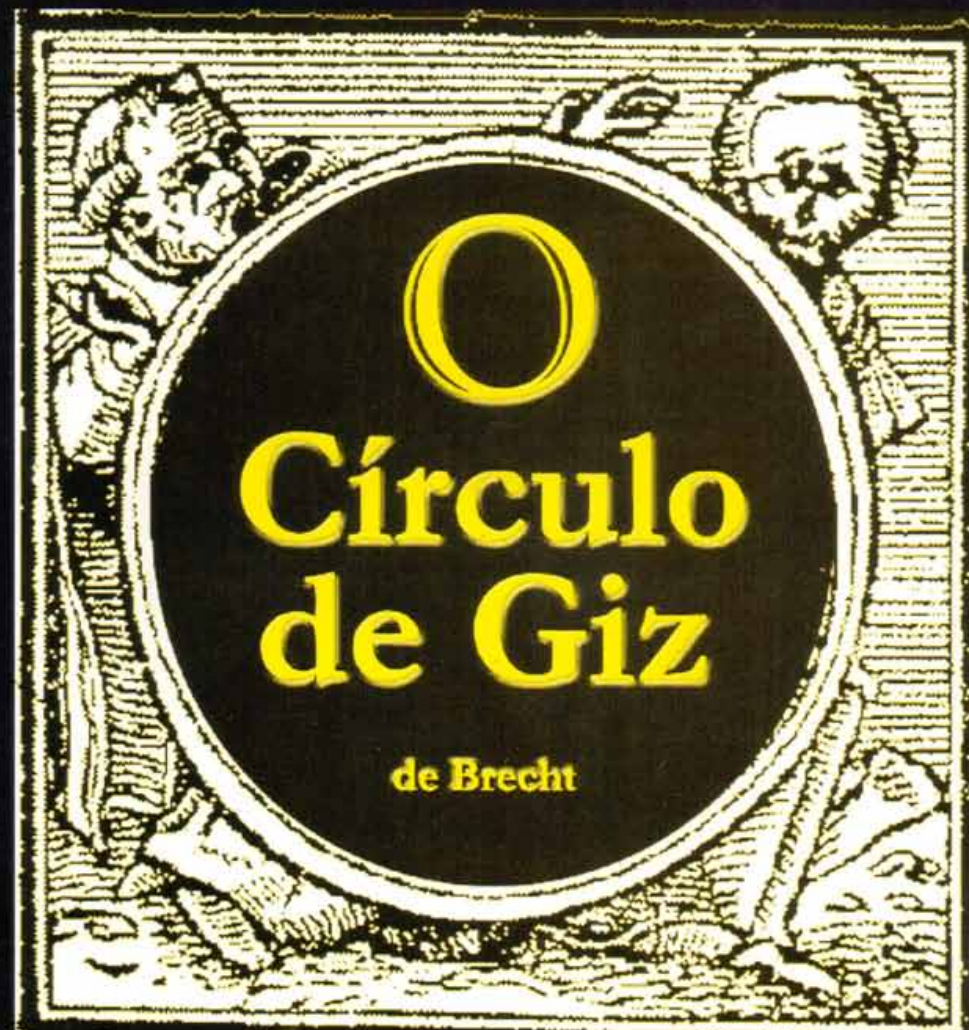


# GRUPO DIVULGAÇÃO

apresenta



Versão de José Luiz Ribeiro

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS  
GRUPO  
DIVULGAÇÃO  
2003

*Centro de Estudos Teatrais*  
**Grupo Divulgação**

*apresenta*



*Versão de José Luiz Ribeiro*

FORUM DA CULTURA  
2003

## ***O CÍRCULO DE GIZ DE BRECHT***

**José Luiz Ribeiro**

Considerado um dos mais belos trabalhos de Bertold Brecht, *O círculo de giz caucasiano* é inspirado em uma velha lenda recolhida de fontes populares. Surge na obra do dramaturgo em 1944-45 e é uma excelente peça de retórica em defesa dos que não têm terra. Tal como em *Antígone*, de Sófocles, postula-se, aqui, o direito natural da terra para os que trabalham e nela produzem.

Construída sob uma visão do teatro dentro do teatro sua formulação dramática é hipertextual e absolutamente contemporânea. A abertura se faz no encontro de camponeses, sob os escombros de uma guerra nascida da injustiça que os retirou de sua terra, e os que lá chegaram no vácuo de sua retirada.

Três linhas de narrativa se formam: a disputa pela terra, as desventuras de uma criada solidária e a loucura que se instala como consequência da revolução com a criação de cargos para os revoltosos vencedores.

Considerado um grande tema da literatura, a história da criada que se sacrifica para salvar o filho do governador e perde a oportunidade de ser feliz com o seu eleito, o soldado Chachava. Um tema de grande expressão para o melodrama assume, diante da genialidade de Brecht, a figura de um exemplo retórico.

A parábola da bondade castigada é um tema recorrente na obra do dramaturgo. Em *O círculo de giz caucasiano*, assume destaque no

no momento de indecisão de Grucha entre salvar o pequeno Miguel, filho do governador, esquecido pela mãe, ou salvar-se a si mesma. Num pequeno verso do cantor, Brecht diz: *Terrível é a tentação da bondade!* Mais uma vez o dramaturgo conclama ao mundo uma verdade irrefutável, se os bons não se juntarem e lutarem para melhorar o mundo, o mal vencerá.

Usando a peripécia para conduzir a ação narrativa aos saltos, Brecht narra as desventuras de Grucha como um exemplo do sofrimento humano. Mostra, porém, a capacidade de regeneração da heroína que, diante das dificuldades, é capaz de resistir e lutar vencendo a opressão da guarda, as intempéries e o desafio de atravessar uma ponte prestes a ruir.

O terceiro corte fica por conta da história do juiz Azdach, um modelo de anti-herói popular. Bêbedo, marginal e corrupto que assume o cargo de juiz por vontade popular. Usando de um conceito pessoal de justiça suas sentenças subvertem a ética e a moral. Buscando a idade de ouro da justiça, sua metodologia esvazia a razão através de uma lógica do absurdo. Se vamos roubar, que seja às claras.

Azdach surge no texto brechtiano como um *Deus ex maquinae*. Ele é a solução para um bando de desesperados e suas sentenças mostram que o veneno pode dar origem ao antídoto. Inundando seus textos com valores negativos, Brecht detecta os males de uma sociedade em estágio falimentar.

## O TEATRO ÉPICO DE BRECHT

*José Luiz Ribeiro*

O teatro de Bertolt Brecht, um dramaturgo centenário, resgata o épico como procedimento dramático. A bem da verdade, é preciso registrar que o termo *épico* tem origem na teoria da literatura. E isso vai explicar o porquê das análises de importantes teóricos como, por exemplo, Anatol Rosenfeld, deixarem de lado a encenação para aplicar a terminologia ao estudo da dramaturgia.

Brecht é um dramaturgo-poeta que dá, em seu discurso, vozes a procedimentos diferenciados. Sua encenação contém, também, regras do épico transposto para a cena de forma eficiente. A aplicação do termo literário, em Brecht, transpõe para a encenação os princípios aplicáveis aos estudos teóricos da literatura. Não podemos nos referir ao discurso teatral sem contextualizá-lo na moldura da encenação que articula, no sentido barthesiano, a orquestração de várias vozes, como a palavra, a música, o *gestus* brechtiano e todas as pistas que compõem a colagem deste painel a que chamaremos de espetáculo.

Assim, podemos entender o épico teatral como um gênero híbrido que, num comportamento nômade, transita pelo gênero dramático e pelo narrativo, com seu procedimento retórico e, também, por tantos outros procedimentos, considerados parte deste gênero, como podemos ver na epopéia ou em certas manifestações estritamente literárias

tais como o romance, o conto e a novela.

Assim, se encontramos uma alteridade no gênero épico diante do gênero dramático, a importância do avanço da encenação está em permitir o contágio genérico. Não existe mais, no universo dramaturgico, uma rígida diferenciação nos procedimentos que se colocam como opostos. O teatro fornece um campo em que o épico e o dramático florescem.

O épico é pragmático. Se o lírico circula no país do indivíduo, o épico ancora-se no país da gramática, fundeando-se em tabula de valores que mostra méritos ou deméritos das personagens narradas. Nasce da celebração de feitos, na necessidade de amplificar ações. É o produto urbano que busca, através do recontar de feitos míticos, criar normas para serem seguidas, quer no campo da *ethos*, quer no do *mores*. Ele sempre recorda um feito ou um fato, e adequa-se aos interesses do orador, diante de um corpo de ouvintes atentos. É o responsável pelo prazer que se instala neste espectador de saber, antecipadamente, o fato e constatá-lo no registro do poeta.

O épico é um feito oratório inscrito no gênero judiciário. Narra o acontecido, e o narrador parte do presente recapitulando o passado. É sempre pretérito, seu pronome é ele. Sua temática trata dos ecos da batalha e não do seu acontecimento. Para Brecht, a oposição ao teatro aristotélico é um ponto de honra.

## O NOSSO CÍRCULO DE CADA DIA

José Luiz Ribeiro

Paschoal Carlos Magno afirmava: *não existe texto virgem. Nenhum diretor tem o direito de caceteiar o público com espetáculos maçantes.* O que o grande homem de teatro queria afirmar é que os espetáculos devem ser feitos para a compreensão do espectador.

A dramaturgia de Brecht é, em sua grande parte, inspirada em textos clássicos ou em temáticas populares. Diante de tão edificante exemplo, nos animamos a encenar uma revisão de um texto que, para nós, passou a ser chamado de *O círculo de giz de Brecht*. A lenda chinesa e o julgamento de Salomão são pontos de partida para a obra do dramaturgo.

Nosso espetáculo bebe nessas fontes e revisa a história de Grucha, acrescentando-lhe novos dados e velhas inquietações. Nossa montagem é despojada e busca criar uma topografia onde a produção de sentido se organiza a partir do trabalho do ator. Simbólica e simples, cada cena avança dentro dos cânones do distanciamento.

Usando um fundo neutro, alguns praticáveis e máscaras, estamos procurando recontar a história de forma despojada. Buscar o máximo de comunicação com o mínimo de recursos, colocando nas mãos do ator o plano de afetação da platéia.

O espetáculo está fundamentado em três movimentos: a disputa, a parábola e a história do juiz. Formalmente, a topografia cenográfica é organizada em torno de uma elipse onde tem início o debate. Duas passarelas são interligadas à elipse e permitem o deslocamento dos atores da ação dramática. Uma torre lateral passa a configurar o espaço do poder, o distanciamento da elite do povo e os processos de opressão.

O cromatismo em tons de cinza e marrom configura, simbolicamente, a oposição entre o rural e o urbano, o primeiro representado pelo marrom, referenciando a terra e o segundo, o urbano, representado em cinza.

O figurino básico procura a representação do corpo social pela identidade gerada através da semelhança. Intensifica a idéia do personagem grupal, em que o coro evidencia o *gestus* potencializado nos preceitos de Brecht.

As máscaras trazem uma ligação com o teatro oriental, ponto de partida do processo de distanciamento. Essa potencialização da máscara neutra estabelece um mecanismo de estranhamento em que se baseia a teoria do distanciamento, visando eliminar o rito catártico e dando primazia ao pensamento dialético.

A narração faz com que a fábula tenha fluência aos saltos. A música organiza-se como elemento distanciador que elimina o realismo para maior fluência da racionalidade.

## ***A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS***

***Táscia Souza***

O fundamental da vida é passar por ela tendo boas histórias para contar. Histórias que marquem um tempo, que falem a um povo, que deixem uma mensagem, que levantem uma bandeira, que deflagrem uma luta. Histórias que, no teatro, vençam uma batalha a cada espetáculo, deixando o espectador com a mente impregnada de idéias.

A história do Divulgação é uma dessas que merecem ser contadas. Em 37 anos de existência, o grupo sempre fez do teatro sua ideologia, construindo a traços de giz os círculos que abarcam a crença na arte, a fé no futuro, o desejo de modificar a sociedade. Círculos de giz que, embora facilmente se desmanchem a qualquer vento, são pacientemente redesenhados, num ideal incessante de mudanças.

São 37 anos que se confundem com as histórias contadas por Brecht, por Lorca, por Gorki, por Gogol, por Shakespeare, por Jorge Andrade, por Nelson Rodrigues, por José Luiz Ribeiro... E por tantos outros autores que, escrevendo para o seu tempo, circunscreveram todos os tempos.

Textos que o Divulgação encenou e aos quais imprimiu sua própria marca: a construção de um teatro político, social e consciente.

Todas as mais de cem montagens feitas pelo grupo contaram histórias que traziam em si a essência de um teatro crítico e voltado para a sociedade. A primeira preocupação na escolha de uma peça é sempre com o que ela terá a dizer para a nossa aldeia. Quais são as esperanças, as motivações, as pulsões que podemos despertar? Porque despertar é preciso para que viver seja ao menos possível. Numa realidade cada vez mais tecnocrática, acéfala e egoísta, foi aqui que eu aprendi que a arte é uma doação e uma entrega. O Divulgação faz do teatro uma forma de abrir os olhos para o mundo.

Num círculo de histórias que se cruzam entre o palco e as coxias, entre os atores e o público, existem muitas outras para contar. Mas se o teatro se faz através de boas histórias, nenhuma delas é melhor do que ver o brilho nos olhos de quem nos assiste. É disso que o Divulgação tira a força para continuar lutando e permanecer crendo. São 37 anos que só têm razão de serem comemorados porque, algum dia, conseguimos tocar alguém. Isso sim vale à pena contar.

## *Grupo Divulgação*

Durante quatro décadas o Divulgação fez do teatro sua forma de erigir um templo à cidadania de um povo. Inspirado no trabalho de Federico García Lorca, no seu grupo de teatro universitário *La Barraca*, encenou os mais importantes nomes da dramaturgia universal e brasileira.

Sua evolução pode ser marcada em quatro linhas. Na primeira, a fase do aprendizado e reverência, dedicou-se aos grandes textos. Este plano possibilita o encontro com a carpintaria teatral e uma aula sobre a lição dos grandes mestres. Sófocles, Molière, Goldoni, Goethe, Schiller, Cervantes, Shakespeare foram objeto de diversas montagens.

As vanguardas do teatro nacional e universal foram contempladas com releituras de Pirandello, Camus, Arrabal, Genet, Dürrenmat, Ghelderode, Oswald de Andrade, Nelson Rodrigues, Mrozek, em montagens premiadas nacionalmente em diversos festivais.

O resgate de textos nacionais foram objeto de montagens contemporâneas. Jorge Andrade, Joaquim Manuel de Macedo, França Júnior, Coelho Netto, Mário Brasini, Dias Gomes e Ferreira Gullar tiveram encenações marcadas pelo experimentalismo e busca de diálogo com o tempo presente.

“A forma que apresentam as peças é maravilhosa, pois trabalham com dignidade.”

Germano Jenervani Dias – 18 - Marceneiro

“Grupo digno de nossos aplausos pela persistência e pelo compromisso com a transformação da realidade através da arte.”

Marilda Holanda Andrade Santos - 41 anos – Professora

“É um grupo muito dinâmico e estruturado, atendendo aos espectadores de uma forma muito profissional”.

David Teixeira Irsigler - 27 - Biólogo

“É um grupo competente e interessado em promover a cultura do nosso povo. Parabéns!”

Eduarda de Melo Assis – 16 – Estudante

“Destaca-se pela qualidade dos espetáculos e pela proposta comunitária.”

Paulo Buzan - 41 - Psicólogo

“A sua manutenção é fundamental para o enriquecimento de Juiz de Fora”.

Wander Dias Gonçalves - 48 – Bancário

“Faz um trabalho excelente de divulgação do teatro em nossa cidade e o preço é acessível a todos.”

Margarete Lopes - 34 – Professora

“Muito bom, me inspirou a montar um teatro na escola onde eu estudo.”

Stefany Aparecida da Silva – 13 – Estudante

“Um grupo que produz um trabalho sério e criativo, de ótimo nível, desde a sua criação.”

Júlio César Bellei – 39 – Engenheiro

## Centro de Estudos Teatrais GRUPO DIVULGAÇÃO

apresenta

### *O Círculo de Giz*

**Brecht - José Luiz Ribeiro**

Leandro Boscatto	Líder, Narrador e Simão Chachava
Julio Andrade	Latifundiário, Governador, Sargento e Noivo
Gustavo Burla	Sem-Terra, Médico, Cabo, Lourenço e Povo
Fátima Amorim	Sem-terra, Criada, Camponesa e narradora.
Franciane Lúcia	Sem-Terra, Pobre, Criada, Sacoleira e Narradora
Fernanda Bastos	Sem-Terra, Pobre, Criada, Dama e Sogra
Breno Fonseca	Latifundiário, Príncipe, Cabo e Monge
Cristina Braga	Latifundiária e Mulher do Governador
Thiago Berzoini	Latifundiário, Médico, Cabo e Velho do Leite
Marise Mendes	Latifundiária e Grucha
Diogo Martins	Sem-Terra, Criado, Hospedeiro e Correligionário
Táscia Souza	Sem-Terra, Criada, Dama e Narradora
Márcia Falabella	Latifundiária, Narradora, Velha, Aniko e Azdaka
Thell Guerson	Sem-Terra, sacoleiro e Criado.
Sonotécnica	Danielle Francisco
Cartaz	Thiago Berzoini
Figurino	Malu Ribeiro
Trilha, Cenário, desenho de luz e	
Direção	José Luiz Ribeiro

Apoio: Dalva Salazar, Waldete Belcavello, Nila Abranches, Jacqueline Glauber, Josiane Silva, Marcos Araújo, Marcos Cardoso, Aline Louise e Virgínia Fonseca

## GRUPO DIVULGAÇÃO

### ESPETÁCULOS ANTOLÓGICOS

Amor em verso e canção  
O homem do século XX  
Antologia da mulher  
Amor em verso e canção II  
Nosso amor em verso e canção  
Poemas operários  
Poemineiros  
Versos e Cantigas

### ESPETÁCULOS DIDÁTICOS

Morte e Vida Severina  
Coral Universitário  
Belmiro, Murilo e Pedro Nava  
Camões  
A menina casadoira  
Pic-nic no front  
Sganarello  
Lição de Molière  
Farsa do Mestre Pathélin  
Manuel, Bandeira do Brasil  
Minha sogra é da polícia  
Molière  
A incelença  
OH! A mulher!  
Os Divertimentos do Rei  
Sertaneja  
A gata borralheira  
Sassaricando  
A pousada do Marreco Verde  
A estranha história de Evelyn Roe  
Canto por Federico  
Viva o Zé Pereira  
I love you Juju  
A sapateira prodigiosa  
Estação Esperança  
Cantando Cecília  
As meninas do Experimental  
Festa Brava  
Lampião no Inferno  
O auto do rei

João Cabral de Mello Neto  
José Luiz Ribeiro (texto)  
José Luiz Ribeiro (org.)  
José Luiz Ribeiro (sel.)  
Eugène Ionesco  
Arrabal  
Molière  
José Luiz Ribeiro  
Anônimo medieval  
Malu Ribeiro (org.)  
Gastão Tojeiro  
José Luiz Ribeiro  
Luiz Marinho  
José Luiz Ribeiro  
J. Eduardo Vendramini  
José Luiz Ribeiro  
Maria Clara Machado  
José Luiz Ribeiro  
José Luiz Ribeiro  
José Luiz e Malu Ribeiro  
José Luiz Ribeiro  
José Luiz Ribeiro  
Federico Garcia Lorca  
José Luiz Ribeiro  
José Luiz Ribeiro  
José Luiz Ribeiro  
José Luiz Ribeiro  
Altimar Pimentel  
Tiago Santiago

## TEATRO INFANTIL

A onça de asas  
O circo de bonecos  
História de lenços e ventos  
Nem tudo está azul no país azul  
Guairaká  
O embarque de Noé  
D. Baratinha  
A gema do ovo da ema  
A colcha do gigante  
Girassinho  
Putz, a menina que buscava o sol  
A noite dos duendes  
Bem do seu tamanho  
Sonho Pirata  
Passa, passa, assombração  
D. Chicote Mula-Manca  
O rouxinol do pescador  
O caju encantado  
Estórias pra boi dormir  
O carteiro do rei  
O dragão verde  
O mistério das nove luas  
A Chapeleira da Rua Azul  
O patinho feio  
Guairaká (II)  
A Guerra dos legumes  
Generosa@fada.com  
O rei de Quase – tudo  
O menino dos caracóis

Walmir Ayala  
Oscar von Pfuhl  
Ilo Krugli  
Gabriela Rabelo  
José Luiz Ribeiro  
Maria Clara Machado  
José Luiz Ribeiro  
Sylvia Orthoff  
Zuleika Mello  
José Luiz Ribeiro  
Maria Helena Kühner  
José Luiz Ribeiro  
Ana Maria Machado  
Liliana Neves  
José Luiz Ribeiro  
Oscar von Pfuhl  
José Luiz Ribeiro  
Paula Schmidt  
José Luiz Ribeiro  
Tagore/José Luiz Ribeiro  
Maria Clara Machado  
Ilo Krugli et alii  
José Luiz Ribeiro  
Ronaldo Boschi  
José Luiz Ribeiro  
José Luiz Ribeiro  
José Luiz Ribeiro  
José Luiz Ribeiro  
José Luiz Ribeiro

## OUTROS ESPETÁCULOS

Cancioneiro de Lampião  
O urso  
Bodas de Sangue  
Electra  
Diário de um louco  
Pequenos burgueses  
A visita da velha senhora  
Escola de mulheres  
Escorial  
Romanceiro da Inconfidência  
Maria Stuart  
A morta  
O patinho torto  
Yerma  
Seis personagens em busca de autor  
As criadas  
Arlequim servidor de dois amos  
Calígula  
Guerra mais ou menos santa  
Pedreira das almas  
Só o faraó tem alma  
O beijo no asfalto  
Mas que papel, seu bacharel!  
O estado de sítio  
Boca do inferno  
A mandrágora  
O rei da vela  
Como se fazia um deputado  
Dr. Getúlio, sua vida e sua glória  
O jardim das cerejeiras

Nerthan Macedo  
Tchekov  
Garcia Lorca  
Sófocles  
Nicolai Gogol  
Máximo Gorki  
Dürrenmatt  
Molière  
Ghelderode  
Cecília Meireles  
Schiller  
Oswald de Andrade  
Coelho Netto  
Garcia Lorca  
Pirandello  
Jean Genet  
Carlo Goldoni  
Albert Camus  
Mário Brasini  
Jorge Andrade  
Silveira Sampaio  
Nelson Rodrigues  
José Luiz Ribeiro  
Albert Camus  
Marcus Vinícius  
Maquiavel  
Oswald de Andrade  
França Júnior  
Dias Gomes/F. Gullar  
Tchekhov

Esta noite se improvisa  
O inspetor geral  
Fausto  
Girança  
A casa de Bernarda Alba  
Grito mudo  
As aventuras do tio Patinhas  
A aurora da minha vida  
Canga  
O mercador de Veneza  
O santo milagroso  
Rasto atrás  
Era sempre primeiro de abril  
Todomundo  
Édipo-Rei  
O burguês fidalgo  
Vereda da salvação  
Il teatro comico  
Como se come um homem  
A torre em concurso  
O homem e o cavalo  
A escada de Jacó  
Cervantina  
O devoto  
O príncipe rufião  
Viva a Nau Catarineta  
Os ossos do barão  
Girança (II)  
O último portal  
Botanágua  
A trupe da Paz  
Senhora na Boca do Lixo  
Zé das Cova e Dona Morte  
O Círculo de Giz

Pirandello  
Nicolai Gogol  
Goëthe  
José Luiz Ribeiro  
Garcia Lorca  
José Luiz Ribeiro  
Augusto Boal  
Naum Alves de Souza  
José Luiz Ribeiro  
William Shakespeare  
Lauro César Muniz  
Jorge Andrade  
José Luiz Ribeiro  
José Luiz Ribeiro  
Sófocles  
Molière  
Jorge Andrade  
Carlo Goldoni  
S. Mrozek  
J. Manuel de Macedo  
Oswald de Andrade  
José Luiz Ribeiro  
Miguel de Cervantes  
José Luiz Ribeiro  
José Luiz Ribeiro  
Altimar Pimentel  
Jorge Andrade  
José Luiz Ribeiro  
José Luiz Ribeiro  
José Luiz Ribeiro  
José Luiz Ribeiro  
Jorge Andrade  
José Luiz Ribeiro  
Brecht/ Ribeiro

**AGRADECIMENTOS:**

*Reitora da UFJF:*

*Prof. Maria Margarida Martins Salomão*

*Funcionários e bolsistas do Forum da Cultura*

*Aos que, durante esses 37 anos, perceberam que  
o teatro é expressão de cidadania e de resistência*

*Aos profissionais dos meios de comunicação que  
acreditam que*

*“Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro”  
García Lorca*